

Brasil**A voz do povo****SILVIO BRUNO BOIMEL**

Mais uma vez a economia troca de comando. O escudo protetor da equipe econômica, que parecia ter sido criado pela sua obstinação em eliminar o processo inflacionário, acabou por não resistir ao bombardeio de pressões, advindo principalmente do cerne da sociedade.

O fracasso sistemático dos planos de estabilização serviu, ao menos, para transformar os cidadãos brasileiros em bravos defensores da ordem econômica. Como consequência, a cobrança por resultados tornou-se mais intensa e o perdão aos erros na condução da política econômica, mais difícil.

A própria voltagem do choque de 16 de março de 1990 e a retenção de anos de esforços de uma boa parcela da população no Banco Central foram as maiores responsáveis pelo aguçamento do poder de percepção e da sensibilidade dos cidadãos brasileiros. Fica claro, com o desenrojar dos fatos, que o princípio físico da "ação e reação" é hoje, também, um princípio econômico. O governo pecou por tentar transmitir a falsa noção de que a inflação estava debelada e por teimar em negar a possibilidade da recessão. A sociedade vacinou-se contra argumentos ingênuos, mostrando-se consciente de que essa recessão é inevitável, quando se tenta conter uma espiral inflacionária.

O título de grandes perdedores cabe mais uma vez aos "descamisados", o que torna o Brasil Novo muito parecido com as dolorosas recessões da ditadura. A bem da verdade, o ilustre povo brasileiro paga com aquilo que lhe é mais precioso: seu próprio dinheiro. Não bastasse o bloqueio imposto por ocasião do Plano Collor, o preço ao qual a sociedade vende seu trabalho, ainda intitulado de salário, encontra-se em seu nível mais baixo, desde que começou a ser pesquisado. Para completar, a política (?) que rege esses preços (salarial?) nunca foi tão confusa, baseando-se em abonos arbitrários e esporádicos.

A Curva de Phillips, um dos principais postulados da teoria econômica, que relaciona inversamente inflação e desemprego, e que é válida para qualquer economia do mundo, parece ter assumido um novo formato na análise da economia brasileira, pois os índices de desemprego



começam a amedrontar e não se consegue fazer com que a inflação caia.

Já a teoria das expectativas racionais, válida nos meios acadêmicos e também em todos os outros países do mundo, que afirma que as pessoas são condicionadas não apenas por hábitos do passado como também, e principalmente, pelo que está acontecendo à sua volta, parece estar cedendo seu lugar, aqui no Brasil, à teoria da memória inflacionária, produto genuinamente nacional e cujo principal mentor é o próprio governo. Segundo essa teoria, tendo a sociedade brasileira aprendido a viver com a inflação, não consegue mais viver sem ela.

Mesmo que sejam suprimidas todas as razões para a persistência inflacionária (o que não foi nem é o nosso caso), a sociedade resiste ao seu fim. Ora, isso não é verdade. Os cidadãos brasileiros apenas desempenham seu papel, e com extrema fidelidade, ajustando-se imediatamente às condições impostas pelo governo. Não fosse assim, grandes processos inflacionários jamais teriam acabado, pois gerariam culturas inflacionárias tão profundas que nunca seriam desestruturadas.

O povo tem voz ativa sim, prezada ex-ministra. É esse montante de sacrifícios e sofrimentos que estimula em cada um dos cidadãos brasileiros o desejo de conduzir o trem que leve a Nação rumo ao Primeiro Mundo. A mudança da equipe econômica é um novo e provável caminho, indiretamente exigido pela própria sociedade. Essa, no entanto, não se deve deixar levar pela emoção da despedida e santificar a ex-ministra, embora haja muitos outros culpados. Seria este o primeiro passo para o surgimento de uma nova teoria, a "teoria da amnésia econômica".

A luta contra a inflação continuará exigindo sacrifícios enormes, e a sociedade parece disposta a aceitá-los. Por um lado, é necessário lembrar que a ameaça hiperinflacionária traria consigo um montante ainda maior de esforços, e não apenas esforços, mas a iminência de uma desestruturação completa da economia, da turbulência social e política e da estagnação total do País. Por outro lado, deve o próprio governo ter consciência de que, quanto maiores os esforços exigidos, maior a cobrança por resultados. Que o povo continue falando.

□ **Silvio Bruno Boimel** é economista da Technoplan Tecnologia e Planejamento e pesquisador do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.